

A UTOPIA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

THE UTOPIA AS SOCIAL REPRESENTATION OF REALITY

Rogério Bianchi de Araújo¹

Resumo: Neste artigo procuro ressaltar o papel da utopia para pensarmos a realidade social sob outro ponto de vista que não seja apenas a perspectiva objetiva no sentido econômico ou político. A utopia é também elemento constituinte de uma construção histórica e subjetiva de uma dada realidade caracterizando-se assim como uma forma de representação social significativa, principalmente no atual contexto histórico.

Palavras-Chave: utopia, sonho diurno, esperança, realidade social, história.

Resumen: En este artículo se hizo hincapié en la función de buscar la utopía de pensar la realidad social desde otro punto de vista objetivo no sólo la perspectiva económica o política. La utopía también es parte de una construcción histórica y subjetiva de un dado realidad caracterizándolo como una representación social, especialmente en el actual contexto histórico.

Palabras-Clave: utopía, soñar durante el día, esperanza, realidad social, historia.

Introdução

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a mágica presença das estrelas!
(Mário Quintana)

Perguntas que leva em conta o significado da nossa existência são constantes e sempre perturbadoras, pois muito do que fazemos e formas como agimos passam a não ter o mínimo sentido diante dessas grandes questões. Segundo Bloch (2005), o que realmente importa é aprender a esperar, ao invés do medo e do temer. No próprio mundo pode-se encontrar uma vida melhor e possível. O esperar não permite a resignação como se crê. Todo ser humano tem sonhos diurnos. O grande desafio é que estes se tornem mais

¹ Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor e Coordenador do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão/GO (UFG-CAC). rogerbianchi@uol.com.br

claros e menos confusos. Compreendê-los, enfim, é a tarefa primordial.

Pensar é transpor, afirma Bloch, e essa transposição não leva ao mero imaginado abstratamente, mas ao transpor concreto. O futuro contém o esperado. Muito se fala sobre o declínio do Ocidente, mas existe saída para a decadência. A esperança se contrapõe ao medo nesse sentido. Para Bloch, a falta de esperança é o mais insuportável e intolerável para as necessidades humanas, por isso ele vai criticar veementemente a posição niilista.

O fundamento de toda ação humana é o sonho de uma vida melhor, quando o ser humano fabula desejos. Somente ele é capaz de entrar na efervescência utópica. Com isso, Bloch aponta dois tipos de esperança: a esperança fraudulenta, que denigre o sonho humano e a esperança autêntica, que só produz benfeitoria e irrompe contra o medo. O *ainda-não-consciente*, o *que-ainda-não-se-tornou*, não teve uma verdadeira conceituação e nem mesmo uma insinuação filosófica. O sonhar para a frente ainda não foi refletido. A esperança, segundo Bloch, não aparece na história das ciências. Por isso, ele propõe entendê-la como um princípio que faz parte do processo do mundo, e o princípio utópico vai além, porque diz respeito à dignidade humana. Para Bloch, o que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários. Assim, ele defende que a filosofia deve ter a consciência do amanhã.

(...) o princípio utópico não chegou a se manifestar nem no mundo arcaico-mítico, apesar do êxodo para fora dele, nem no mundo urbano-racionalista, apesar da dialética explosiva. A razão disso será sempre que tanto a mentalidade arcaico-mítica quanto a urbano-racionalista são idealistas em sua apreciação, pressupondo conseqüentemente um mundo feito, acabado, apreciado apenas de modo passivo, incluindo o supramundo projetado para além, no qual se reflete o que já veio a ser (BLOCH, 2005, 18).

Segundo Bloch, a esperança é a mais humana de todas as emoções e acessível apenas a seres humanos, remete ao horizonte mais amplo e mais claro. Bloch formula o conceito de sonhos diurnos cujo significado remete a um *ainda-não-consciente*. Nunca nos livramos dos desejos. Mesmo de olhos abertos as pessoas sonham, mas isso não é muito valorizado. Os sonhos de uma vida melhor fazem parte do gigantesco campo da consciência utópica. O sonho diurno encontra-se na dimensão utópica e o interesse revolucionário é o reconhecimento de quanto o mundo poderia ser bom, ou a construção de outro mundo possível.

O mais próximo do pensamento utópico, é sem dúvida o revolucionário que luta para destruir as relações dominantes e construir novas no lugar (revolucionário social). O pensamento utópico consiste no divórcio entre o ideal e a realidade. Será utópico todo revolucionário que desconhecer a idéia de um período intermediário, que imaginar uma transformação

social que introduza uma quebra na continuidade histórica como substituição direta de relações más por boas.

O pensamento utópico é, pois, entendido como o grande motor das Revoluções. Todo real transcorre com um *ainda-não* nele contido. A esperança afoga a angústia, ela tem o conteúdo intencional do “ainda há salvação” no seu horizonte. “Os sonhos despertados, na medida em que contêm um futuro autêntico, rumam para esse ainda-não-consciente, para o campo utópico ou daquilo que não veio a ser, que não foi plenificado” (BLOCH, 2005, 114).

O espírito do sonho para frente é o espírito repleto do *ainda-não-consciente* como forma de consciência de algo que se aproxima. A partir dessa afirmação, Bloch questiona o fato do consciente e do subconsciente ser descobertos, enquanto o campo psíquico do *ainda-não-consciente* passou despercebido por muito tempo e é ainda ignorado.

Para Bloch, viver o aqui-agora, o *carpe diem*, não tem nada de utópico, fica apenas pulando de um instante para o outro. Só o *poder-ser* pode ser considerado para o conteúdo do existir imanente. Mário Sérgio Cortella, em *Nos Labirintos da moral* (diálogo com Yves de la Taille) diz que “o *carpe diem*”, aproveite o dia, é o pior legado do mundo romano, a mais negativa forma de estruturação de valores que se possa ter hoje, especialmente em relação aos jovens porque, em outras palavras, estaríamos dizendo aos jovens que não haverá futuro.

Em tudo que é realizado aparece uma fenda do existir não concebido. Bloch afirma que nenhum paraíso terreno, ao ingressar, fica isento da sombra projetada pelo seu próprio ingresso. A realização em si nunca esgota por completo o efeito de uma realização total, sempre há algo que ainda não se realizou em lugar algum. A utopia é o *não* como ainda-não processual (o mundo como processo). O *não* é o impulsionador de todo devir, é o impulsionador contínuo da história. Caracteriza-se no processo como um ainda-não utópico-ativo.

Todo sonho permanece sendo sonho pelo fato de ter tido muito pouco êxito, de ter conseguido levar pouca coisa a termo. Por isso, ele não pode esquecer o que falta, e mantém a porta aberta em relação a todas as coisas. A porta no mínimo entreaberta, quando se dirige para objetos agradáveis, chama-se esperança. Sendo que, como vimos, não há esperança sem angústia nem angústia sem esperança; ambas se mantêm mutuamente em suspenso, por mais que a esperança prepondere para o valente, por meio do valente. No entanto, também ela, sendo possivelmente ilusória qual fogo fátuo, deve ser uma esperança sabedora, uma em si mesma previamente refletida (BLOCH, 2005, 326).

A utopia é um processo histórico e dialético. Ela é construída em torno dos conflitos e contradições de uma dada época. É um projeto que se

concretiza em ações. Os homens precisam de sonhos e símbolos para viver em sociedade. A utopia significa os desejos e aspirações individuais ou, pelo menos, de uma ampla parcela da sociedade. Afinal, as sociedades humanas são produto de angústias, fantasias e sonhos projetados nas utopias que elabora. Na pirâmide de Maslow², eu acrescentaria sonhar e ter esperanças como necessidades vitais e primárias, no mesmo patamar de igualdade com as necessidades fisiológicas e de segurança. O sentido de sua existência é dar uma resposta a uma situação e a um problema comum. É uma aspiração partilhada. Lamartine, poeta e político francês do século XIX, dizia que as utopias são verdades prematuras e que a fraternidade não tem pátria.

Apesar de algumas idéias utópicas serem eventualmente realizadas, não é da natureza da utopia ser realizada. Pelo contrário, a utopia é a metáfora de uma hipercarência formulada ao nível a que não pode ser satisfeita. O que é importante nela não é o que diz sobre futuro, mas a arqueologia virtual do presente que a torna possível. Paradoxalmente, o que é importante nela é que nela não é utópico. As duas condições de possibilidade de utopia são uma nova epistemologia e uma nova psicologia. Enquanto nova epistemologia, a utopia recusa o fechamento do horizonte de expectativas e de possibilidades e cria alternativas; enquanto nova psicologia, a utopia recusa a subjetividade do conformismo e cria a vontade de lutar por alternativas (SANTOS, 2001, 324).

A utopia e a (re)constituição histórica

A História faz as utopias e as utopias fazem a História. O incessante construir de utopias serve para expressar a dinâmica histórica. No entanto, há uma permanente tensão entre utopia e história, entre sonho e realidade. A grande questão é saber se é possível manter esses dois pólos articulados. Penso que na utopia está contida a realidade, assim como a realidade não pode abrir mão da utopia. A realidade é permeada de infinitas possibilidades, desejos, esperanças. A partir dela é que se faz a utopia, isto é, dentro

² Maslow apresentou uma teoria da motivação, segundo a qual as necessidades humanas estão organizadas e dispostas em níveis, numa hierarquia de importância e de influência, numa pirâmide, em cuja base estão as necessidades mais baixas (necessidades fisiológicas) e no topo, as necessidades mais elevadas (as necessidades de auto realização). De acordo com Maslow, as necessidades fisiológicas constituem a sobrevivência do indivíduo e a preservação da espécie: alimentação, sono, repouso, abrigo, etc. As necessidades de segurança constituem a busca de proteção contra a ameaça ou privação, a fuga e o perigo. As necessidades sociais incluem a necessidade de associação, de participação, de aceitação por parte dos companheiros, de troca de amizade, de afeto e amor. A necessidade de estima envolvem a auto apreciação, a autoconfiança, a necessidade de aprovação social e de respeito, de status, prestígio e consideração, além de desejo de força e de adequação, de confiança perante o mundo, independência e autonomia. A necessidade de auto realização são as mais elevadas, de cada pessoa realizar o seu próprio potencial e de auto desenvolver-se continuamente.

dela já existe a utopia em potência. O real sempre precisa ser problematizado, não podemos perder o universo da crítica, caso contrário a utopia se esvai e perdemos a liberdade de criar o novo. Como dizia Oswald de Andrade, *“no fundo de cada utopia, não há somente um sonho, há também um protesto”*.

Segundo Hinkelammert (1988), a utopia é um horizonte irrealizável que dá sentido para projetos históricos concretos, mas é preciso ressaltar que estes projetos não podem ser identificados com a utopia porque correm o risco de tornarem-se totalitários. Hinkelammert afirma que estes projetos uma vez colocados em prática negam a mesma utopia que pretendem antecipar. Ele considera essa a dinâmica das instituições sociopolíticas e da condição humana. A dialética de Hinkelammert pressupõe que a utopia não pode ser antecipada sem um projeto histórico que a negue. Ele se preocupa com a tensão dialética existente entre utopia e projeto institucional e entre ser sujeito e ser ator social.

Seguindo o pensamento de Hinkelammert, podemos dizer que quando uma comunidade ou coletividade “grita”, como forma de resistência ao sistema que lhes impossibilita viver dignamente ou que reduz a sujeitidade das pessoas a um determinado papel, temos a revelação da comunidade ou da coletividade como sujeito. Mas, quando este mesmo grupo passa a atuar social ou politicamente não atua mais como sujeito, mas sim como ator social coletivo. E como ator social deve orientar as suas ações e estratégias ao cálculo meio-fim, à busca de meios eficazes para se atingir os objetivos específicos. O “grito do sujeito”, que foi importante para resistir ao sistema opressor e fazer aparecer a sujeitidade da comunidade, já não serve mais como critério para as ações do ator social. E ao agir como ator social coletivo – para conseguir os objetivos que são anunciados no “grito do sujeito” – não temos “sujeitos emergentes” ou “sujeito racializado e generalizado”, mas sim atores sociais emergentes, racializados e generalizados (SUNG, 2002, 86).

Hinkelammert entende que o conceito utópico, seja qual for, é uma condição para se conhecer a realidade e intervir nela e, para conhecer a realidade social, é também preciso conhecer o que ela não é, assim como para atuar socialmente é preciso vislumbrar o horizonte utópico que se apresenta com um modelo social perfeito a ser alcançado. Apesar da utopia ser um horizonte desejável e que dá sentido à nossa existência e às nossas lutas, ela não é factível. É esse o sentido da razão utópica de Hinkelammert.

A realidade nunca é impermeável e imutável. Faz-se e desfaz-se num processo de entropia permanente. O real e o irreal, o concreto e o abstrato, o vivido e o imaginado etc. São essas condições que nos permite vivenciar horizontes utópicos. Não se trata de um caminho de mão única, mas de vias de acesso múltiplas e disformes que nos levam a múltiplas possibilidades de

realização utópica. Essas são construídas em cima das críticas ao momento e à sociedade vigente. A busca da sociedade perfeita habita o horizonte de nosso pensamento. Penso que não haveria religião, moral, ética e outras criações humanas, caso a idéia de uma sociedade boa não existisse. Não se trata de saber se o homem é bom ou egoísta por natureza, mas de buscarmos a fórmula da convivência e sobrevivência da espécie humana.

A utopia é necessária? Basta pensar que é ela que nos conduz a buscarmos novos métodos, diretrizes, além de nos impelir a criarmos o novo. A criação e criatividade humana são impulsionadas por essa condição utópica que nos é intrínseca. É assim que fazemos a história. É através dela que fazemos projetos e buscamos realizações. Esse é um processo infundável, que por vezes vê-se ameaçado diante da ganância e má articulação de ações e reflexões de muitos indivíduos. Há um processo de desencantamento que logo é problematizado, discutido, cuja busca, a partir de então passa a ser o reencanto de nossas ambições e necessidades. Nesse sentido, é possível destacar o caráter transcendental da utopia no interior da vida concreta.

A utopia é um sistema de crenças que se coloca como sempre além do presente. Como se concentra no futuro, não há como atestar a sua veracidade, nem a sua realização. Uma utopia, ao contrário do que se pensa, tem sua racionalidade, sua lógica, sua probabilidade, isso faz com que também se justifique a existência de seguidores. Nenhuma sociedade pode viver sem uma utopia. Sociedade sem utopia é sociedade sem vida, amorfa e acéfala. Uma sociedade que não acalenta mais nenhuma esperança, sonho ou ideal, não pode mais ser chamada como tal. É tudo, menos sociedade. É desconhecido esse tipo de agrupamento humano.

Por mais que critiquemos hábitos e modos de vida de outros grupos e outras culturas, essas têm sua própria formulação utópica. Talvez seja essa a grande novidade que o mundo contemporâneo traz. Não existe uma utopia única que envolva toda a humanidade. As utopias ou microutopias modificam-se e têm a sua peculiaridade de acordo com o ambiente histórico próprio, a cultura e a forma de enxergar o mundo.

No entanto, toda época é marcada pela presença de macroutopias. Portanto, acredito na discussão entre o global e o local como jogo dialético. Existem ainda utopias globais que nem sempre se adequam da mesma forma quando pensadas em âmbito local. A máxima “*agir localmente, pensar globalmente*”, é uma das mais poderosas formas de reflexão contemporânea. Quanto mais global for o problema, mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções. A idéia de cidadania também segue essa lógica, uma vez que existem duas esferas de cidadania: a macrosocial, a partir de questões emanadas da sociedade capitalista, por exemplo, e a microssocial, a partir do cotidiano e do mundo vivido.

A fórmula complexa da antropolítica não se limita ao “pensar global, agir local”, ela exprime-se pelo acasalamento: pensar global/agir local, pensar local/agir global. O pensamento planetário deixa de opor o universal e o concreto, o geral e o particular: o universal tornou-se particular - é o universo cósmico - e concreto - é o universo terrestre (MORIN, 1995, 139).

Utopia e realidade histórica

Há que se tomar cuidado com os adeptos da utopia. Defendo a idéia de que a utopia não se constrói com cabeças pensantes, líderes ou partidos. A verdadeira utopia se constrói com a ambientação de uma época história, num jogo de constantes aparições, reflexões, desentendimentos, distúrbios, crises, caos etc. É um movimento ambicioso que se articula gradativamente pelos variados personagens e interesses diversos. Envolvem erros, acertos, alegrias e confusões, levando ou não a superações e construção de novas configurações históricas. O caos não é essencialmente negativo. Acaba por se afirmar como um horizonte de possibilidades progressivas e não somente regressivas. As realidades caóticas produzem, por si mesmas, novos sistemas ordenados.

A utopia não é de apropriação de um grupo de pessoas ou de uma classe específica. Ela é algo que pertence ao conjunto de seres humanos. Idéias ou ideais que se espriam por toda a sociedade e só fazem isso porque existe o espaço para que essas discussões apareçam, caso contrário o horizonte utópico passaria apenas como delírio.

O conceito utopia jamais irá se esgotar, tendo em vista que é da condição humana criar esse limiar da existência. Ela é construída e desconstruída, num processo ininterrupto de ordem e desordem, encantamento e desencantamento. Sempre surgem novos grupos, religiões, discursos, pensamentos, éticas, que tem por objetivo acalentar novas esperanças de uma sociedade mais justa e igualitária. As vias de acesso a isso são recheadas de alternativas e conjecturas. A institucionalização destas propostas e rupturas cria o risco de que percamos as referências e possibilidades concretas de mudança.

Pensar a utopia é pensar a crítica da sociedade vigente. É não se conformar com o que está dado. É fazer girar a roda da história. É projetar, contestar, superar, criar a esperança e alavancar o novo. Não existe realidade perfeita, mas como o sonho é algo intrínseco ao ser humano, uma sociedade deve sim pensar em ser diferente e mais digna estabelecida em parâmetros morais e éticos condizentes com o convívio humano.

(...) Uma utopia só é sonho à condição de que aceitemos a ação direta do sonho sobre nossa realidade cotidiana. Mas a utopia, por seu lado, não deixa de registrar o incessante desgaste que lhe

impõe a realidade. Não que a utopia seja corrigida. Como sonho, tende a manter-se. Mas o desgaste que ela sofre tende a congelar sua possibilidade de ação social, protelando-a. Assim, ela se limita a atuar no plano social como a idéia, e como fé, no plano individual. O que é praticamente o mesmo que dizer que a utopia age concretamente sobre cada um dos indivíduos, determinando-o, mas não age sobre todos eles de modo concreto, revolucionário. As utopias não fazem revoluções. Elas podem – no máximo – ser o ponto de referência de uma revolução, seu parâmetro humanístico (RODRIGUES, 1988, 90).

A utopia tem por meta fazer a crítica ao poder institucionalizado, mas ela mesma corre o risco de ser cooptada por este. Discursos utópicos podem vir a se materializar nas instituições em forma de poder arbitrário, desencantando e matando o próprio horizonte utópico. Uma verdadeira utopia construída e que encanta é aquela que tem o aparato e participação do maior número possível de segmentos da sociedade.

Para Morin (1975), ainda estamos na pré-história do espírito humano e essa é uma idéia otimista porque ela nos abre para o futuro, e conseqüentemente para a criação de horizontes e imaginações utópicas. A utopia, como um ponto de vista sobre a História, diz que há sempre outra realidade por trás da atual.

Mas qual o significado histórico da utopia? No século III a.C. as utopias eram concebidas em termos geográficos, como lugares – geralmente ilhas – onde teria existido uma sociedade perfeita, que não pertence a nenhum mundo conhecido. Segundo Bodei (2001) é somente no século XVIII, com o romance de Louis-Sébastien Mercier³, *O ano 2440*, que a utopia geográfica se torna utopia temporal, transferindo a sociedade perfeita para o futuro. O impossível torna-se então possível, a utopia entra na história e a história torna-se um processo de aproximação progressivo da utopia, do espaço de tempo entre o imperfeito hoje e o perfeito amanhã. A partir de então, a teoria de Rousseau, segundo a qual o homem é bom por natureza e a sociedade é que o corrompe ganha um caráter subversivo. A história agora se junta à utopia com o intuito de explicar a si mesma mediante uma dinâmica interna. A perfeição é agora colocada num futuro através das etapas do

³ **Louis-Sébastien Mercier** (Paris, 6 de Julho de 1740 — Paris, 25 de Abril de 1814) foi um escritor francês. No século XVIII o *código* utópico define novas direções, novas semantizações e até novas perspectivas de domínio do tempo futuro. Louis-Sébastien Mercier propõe, por exemplo, o termo “fictionner” para o ato genérico de escrever utopias. Durante o século XVIII um número crescente de pensadores foi presumindo que o caminho para o progresso era a destilação. O princípio era muito simples: pegar em tudo o que fora escrito e dito, expurgá-lo de erros, incorreções e falsidades, e dessa massa extrair a verdade purificada. Num dos livros (proibidos) que mais vendeu à época, — *O Ano 2440*, de Louis-Sébastien Mercier — acreditava-se que assim seria possível resumir todo o direito num livrinho pequeno e preservar todo o efetivo conhecimento do mundo numa estante de livros apenas.

movimento histórico. A utopia assim perde o caráter de impossibilidade e se entranha no movimento histórico. Este delinea o movimento de perfeição ao qual é possível encaminhar-se. Identificam-se os sinais e obstáculos a serem superados para realizar as metas almejadas. O principal desdobramento disto foi a disseminação da idéia de que as sociedades humanas podem ser organizadas a partir da vontade histórica, e não são naturais ou metafísicas. “O homem continuamente explora novas possibilidades, concebe utopias que podem conduzi-lo a uma relação mais harmoniosa entre homem e homem e homem e natureza”. (PRIGOGINE, 2001, 18)

Mas por que a utopia existe? Por que o ser humano a cria? Por que elas são construídas e desconstruídas? Por que elas encantam e desencantam? Há várias explicações e caminhos para justificá-la. No sentido filosófico e também psíquico, cito a referência de Schopenhauer, segundo o qual acreditava que a vida é uma roda de carência seguida de saciedade. Quando saciados ficamos satisfeitos apenas por pouco tempo. Quase em seguida somos invadidos pelo tédio e obrigados a agir para escapar do horror do tédio.

Trabalho, preocupação, cansaço, problemas é o que enfrentamos quase a vida inteira. Mas se todos os desejos fossem satisfeitos de imediato, com o que as pessoas se ocupariam e como passariam o tempo? Suponhamos que a raça humana fosse transferida para Utopia, lugar onde tudo cresce sem precisar ser plantado e os pombos voam assados ao ponto, onde todo homem encontra sua amada na hora e não tem dificuldade em continuar com ela: as pessoas então morreriam de tédio, se enforcariam, se estrangulariam ou se matariam e assim sofreriam mais do que já sofrem por natureza. (SCHOPENHAUER, 1997, 25)

Já em Nietzsche encontramos uma visão muito cética em relação à utopia no sentido de construção da esperança. Mesmo assim, embora radical, há em Nietzsche um horizonte utópico. Segundo o pensador, a esperança é o derradeiro mal. Em seu livro *Humano, demasiado humano*, alerta que, a abertura da caixa de Pandora com seus males legou também o mal chamado esperança, o pior dos males porque prolonga o tormento.

Para Nietzsche, uma perspectiva cósmica sempre atenua a tragédia. Se subirmos bastante, atingiremos uma altura da qual a tragédia deixará de ser trágica. O eterno retorno de Nietzsche significa que, cada vez que você escolhe uma ação, deve estar disposto a escolhê-la por toda a eternidade. O mesmo se dá com cada ação não realizada, cada pensamento natimorto, cada escolha evitada. Toda a vida não vivida ficará latejando dentro de você, invivida por toda a eternidade. A voz ignorada de sua consciência continuará clamando para sempre. No entanto, Nietzsche considerava filósofo todo aquele que imagina o amanhã, e tenta imaginá-lo da melhor maneira possível, ou seja, aquele que cultiva utopias. Aquele que recusa as coisas

como são. Aquele que questiona, duvida, inventa, tenta, corre riscos, faz perguntas que incomodam pessoas. Sua filosofia é uma filosofia da ação e não da espera.

Spinoza na *Ética* argumenta que “*não há esperança sem temor, nem temor sem esperança*”. Para Spinoza, a felicidade é desesperança. Ele defende uma felicidade descompromissada que não espera por nada a não ser o real. Nesse sentido, a desesperança é o maior dos desejos tendo em vista que a esperança nos aprisiona na falta, por isso a sabedoria consiste em não esperar mais pela felicidade.

Analogamente, devemos nos guiar pela utopia, como o navegador se orienta pelo norte e pelos pontos cardeais, sem sonhar em encontrá-lo materialmente um dia, como se encontrássemos uma cidade fabulosa à nossa espera ... As utopias serão reinventadas como ficções heurísticas, tão indispensáveis à vida histórica quanto os pontos cardeais nas viagens de longo curso, sem esforço para edificá-las formalmente na realidade. O céu das utopias deve nos guiar do alto; querer radiá-lo na terra é o princípio de todo o radicalismo (KUJAWSKI, 1988, 29).

Considerações Finais

A utopia hoje, diante da perspectiva de fim do projeto iluminista, do antropocentrismo e da necessidade de construção de uma nova cosmologia, ao repensar a relação da biosfera e da antroposfera, cria novas dimensões, bifurcações e ramificações. A utopia faz-se então numa interação dialógica de perspectiva construtiva. Não mais como totalidade, mas como referência de horizontes imaginários. Morin (1995) ressalta que a descoberta da solidariedade ecológica é uma grande e recente descoberta. Nenhum ser vivo, mesmo humano, pode libertar-se da biosfera. A história continua a se fazer, mas sua interpretação não é unilateral. A perspectiva relativista da história nos conduz a essa dialogia necessária. A ordem, desordem e organização estão nesse processo dialógico contínuo. A utopia é construída e desconstruída a partir desses pontos de vista aparentemente incongruentes.

A grande questão quando se fala de utopia é como estabelecer elos entre as pessoas que possam criar a comunhão na busca por um objetivo em comum. Embora a ética universal nunca se fizera presente de forma efetiva, ela nunca deixou de ser mencionada, pensada e até mesmo elaborada. É aí que reside o horizonte utópico. Hoje, a ética do mercado está em completa dissonância com o fundamento de uma ética universal. Marcada pela ferocidade do mercado, o neoliberalismo funda a ética do lucro que promove a negação de nós mesmos como seres humanos. Nesse sentido, as leis do mercado parecem ser as únicas aceitas como instituição organizadora do consumo desenfreado, está para além do bem e do mal. Há aqui um con-

flito estabelecido entre o individualismo da “modernidade” e os limites do próprio consumo.

O educador Paulo Freire defende veementemente a ética da solidariedade humana. Solidariedade não é apenas um valor nos dias de hoje, mas a condição de sobrevivência de todos.

Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgredir a própria ética. A liberdade de comércio sem limite é licenciosidade do lucro. Vira privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, robustece seu poder contra os direitos de muitos, inclusive o direito de sobreviver (FREIRE, 1997, 249).

Vivemos numa sociedade complexa, caótica, difícil e contraditória que está carregada de nuances de difícil compreensão. Trata-se de uma sociedade pluralista que se vê em permanente conflito com diferentes cosmovisões. Vivemos numa época marcada por uma crise de valores sem precedentes, influenciados fortemente pelas grandes corporações e pela indústria dos *mass media*. Estamos cerceados por uma sociedade individualista em que a busca de soluções são privadas, movida pelo desejo de status e sob a conformação dos ideais de sucesso pré-estabelecidos e que provoca a perda de dignidade e respeito próprio. Esse status está associado à propriedade de bens de consumo que são muito mais valorizados do que qualquer preceito ético. Os indivíduos que não possuem essa simbologia de status tendem a passar despercebidos, suas complexidades são menosprezadas e suas identidades ignoradas. Além disso, experimentamos o reflexo do rebaixamento do horizonte utópico em todo o mundo. Segundo o filósofo norueguês Lars Svendsen (2007), “(...) uma sociedade que funcione bem promove a capacidade do homem de encontrar significado no mundo, uma que funcione mal não o faz”.

Para o sociólogo português Boaventura de Souza Santos (2001), criamos muitos bloqueios das alternativas, culpa dos excessos de regulação modernista. Esse bloqueio só pode ser ultrapassado por via do pensamento utópico, sob o qual a modernidade sempre desprezou. A Revolução Francesa foi o estopim e abertura da caixa de Pandora ao trazer as aspirações e esperanças populares, as quais as autoridades tiveram imensa dificuldade em conter os ânimos acirrados. No entanto, aquela noção de cidadania oriunda da Revolução Francesa com direitos e deveres, consciência pública e privada do que significa ser um cidadão, hoje se encontra enormemente abalada nas suas fundamentações estruturais. O que significa ser cidadão na sociedade de consumo? Como dizer e conscientizar os excluídos pelo sistema capitalista nefasto que estes são cidadãos? Que tipo de cidadãos? É possível resgatar a cidadania moderna do século XVIII?

Paulo Freire (1978) deu uma grande contribuição ao desenvolver a teoria da consciência humana sobre a própria incompletude e a insatisfação humana. Todos os seres do Universo, segundo Freire, são inacabados e incompletos, mas só os seres humanos têm consciência da sua real incompletude, por isso vão em busca de completar essas lacunas para atingir a plenitude de seus projetos. É a consciência de nossa incompletude que permite nos abirmos para a perspectiva da transcendência e criarmos horizontes e representações simbólicas que nos levam além do concreto e do real. As análises do presente e do passado têm como consequência a oferta de um horizonte de possibilidades e um leque de futuros possíveis.

Toda realidade social é uma construção social e, como tal, pode ser desconstruída e reconstruída. Assim entendo o caminho da utopia, como uma sucessão de construções e desconstruções, encantamentos, desencantamentos e reencantamentos. A construção das utopias é alimentada pelas desconstruções antiutópicas. Trata-se de um processo de reciclagem e retroalimentação incessante e constante. Aqui procuro sinalizar que as utopias continuam mais vivas do que nunca. Entendo que a utopia contemporânea e de caráter universalizante, compreende a perspectiva ecológica e ambiental que só pode se construir através da antiutopia da sociedade de consumo de viés fortemente ideológico. Como já dizia Heráclito em sua máxima: “*vive-se de morrer e morre-se de viver*”, ou se quisermos expressar essa idéia através de Edgar Morin quando este afirma que: “(...) uma sociedade autoproduz-se pelo fato de se autodestruir sem cessar” (MORIN, 1975, 47).

Para Morin, há uma dialógica ordem/desordem/interação/organização desde o nascimento do universo. Pensar a utopia não significa pensar a evolução da História nem descobrir novos tempos, mas propor de forma criativa e crítica um devir humano desejável e realizável. A História não se faz de maneira linear e evolutiva, ela se faz com ambigüidades, complexidades e circunstâncias. É nesse meio em que a utopia se enquadra, lançando adiante novas perspectivas construtivas da existência humana, no sentido do *Dasein*⁴ heideggeriano.

A sensibilidade solidária suscita em nós um desejo novo que articula um novo horizonte de sentido às nossas vidas e gera um horizonte de utopia e de esperança de um mundo justo e fraterno. Este novo horizonte utópico dá sentido à sensibilidade solidária

⁴ Dasein: esta expressão alemã significa o “ser-aí”, ou seja, o homem é um ser-no-mundo, o ser lançado adiante como projeto. O “ser-aí” não é a consciência separada do mundo, mas está numa situação dada, toma conhecimento do mundo que ele próprio não criou e ao qual se acha submetido num primeiro instante. Este *Dasein* é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo, que pode deixar de existir: é um “ser-para-a-morte”. Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade, para o homem. Colocar a questão da autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade.

e realimenta o nosso desejo de um mundo humano, acolhedor e solidário. Mas, ao mesmo tempo, a indignação frente às injustiças e aos sofrimentos das pessoas nos leva a ansiar que o nosso desejo de um mundo plenamente justo e humano se realize de uma maneira rápida e direta. Neste desejo, nós acabamos, muitas vezes, esquecendo da nossa condição humana e assumindo a missão messiânica de construir o reino de Deus, ou a missão de sujeitos históricos (novos, emergentes ou antigos, não importa) de construir o Reino da Liberdade. E assim esquecemos que não somos deuses para construir o Reino de Deus, nem seres supra-humanos capazes de construir uma história sem as contradições e ambigüidades inerentes à nossa condição humana (SUNG, 2002, 175).

Lançar a pedra filosófica de uma nova utopia consiste em propor um novo começo, com renovação e criação de novos valores. Uma mudança na mente e no coração. No atual contexto, torna-se inevitável tocar em questões tais como: a visão de um modo de vida sustentável, o respeito à diversidade cultural, e o aprofundamento do diálogo global. A construção de uma comunidade global sustentável é a nova utopia, esse é o nosso tempo. Podemos perceber hoje, tanto nas diversas sociedades nacionais como na sociedade mundial a disposição para um projeto utópico no sentido de um reencantamento que envolve perspectivas políticas, econômicas, sociais, culturais da mais alta complexidade. Talvez esse pensar denso, profundo e reflexivo jamais tenha deixado de existir ou estivesse em algum momento ausente ao longo do percurso histórico do ser humano.

Referências

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança** (*Vol. 1*). Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2005.

BODEI, Remo. **A História tem um sentido?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

CORTELLA, Mário Sérgio, De La Taille, Yves. **Nos Labirintos da Moral**. Campinas/SP: Papyrus, 2005.

FREIRE, Paulo. Globalização ética e solidariedade. In: **Desafios da Globalização**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HINKELAMMERT, Franz. **A crítica da razão utópica**. São Paulo: Paulinas, 1988.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **A Crise do Século XX**. São Paulo: Ática, 1988.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____, Edgar e KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulinas, 1995.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**. Coleção “Os Pensadores”, São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PRIGOGINE, Illya. In **Ciência, razão e paixão**. CARVALHO, Edgard de Assis e ALMEIDA, Maria da Conceição (orgs.). Belém: EDUEPA, 2001.

RODRIGUES, Antonio Medina. **As Utopias Gregas**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Autêntica, 2007.

SUNG, Jung Mo. **Sujeitos e Sociedades Complexas**: para repensar os horizontes utópicos. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2002.

SVENDSEN, Lars. **Filosofia do Tédio**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007.

Artigo recebido em maio de 2009 e aceito para publicação em novembro de 2009.